

Vinte e Cinco Anos de Ecologia Organizacional: Um Mapeamento Bibliométrico das Tendências, Colaborações e Impacto no Século XXI

Bruna Fazolato de Souza
Isabele Gomes da Silva Alves

Resumo: Este estudo realiza uma análise bibliométrica da produção científica sobre Ecologia Organizacional no período de 2000 a 2025, a partir de dados da *Web of Science*. O objetivo é mapear a evolução do campo, sua estrutura intelectual e as redes de colaboração estabelecidas. Os resultados indicam crescimento contínuo das publicações, com destaque para artigos seminais que consolidaram temas como *imprinting* e identidade organizacional. A análise de redes de coautoria evidencia *clusters* formados em torno de autores fundamentais, como Carroll e Hannan, confirmando sua centralidade na consolidação da teoria. No âmbito internacional, a produção é liderada por países anglo-saxões e europeus, especialmente Estados Unidos, Reino Unido e Países Baixos, com participação emergente de nações como China e Brasil. Do ponto de vista temático, o núcleo do campo está ancorado em *Business & Economics* e *Environmental Sciences*, seguido por *Sociology* e *Public Administration*, o que evidencia seu caráter multidisciplinar. Conclui-se que a Ecologia Organizacional se mantém como um campo vibrante, com sólida base teórica e expansão para novos contextos empíricos, oferecendo um panorama abrangente para orientar pesquisas futuras.

Palavras-Chave: Ecologia Organizacional; Análise Bibliométrica; Mapeamento Científico; Demografia Organizacional

1. Introdução

As organizações são um ponto de encontro de estudos interdisciplinares onde cada disciplina busca explicar ou investigar ocorrências organizacionais à luz de seus próprios objetos de estudo. Na sociologia, por exemplo, são estudados temas como relações sociais, industrialização e estrutura social. Já na teoria da administração são estudadas técnicas de gestão, como as organizações funcionam, eficiência e produtividade e como gerir estas empresas. A partir de uma intersecção entre as duas disciplinas, a sociologia organizacional, busca compreender a origem e os problemas das organizações (Thompson e McHugh, 1990).

Nos anos 70, essa disciplina buscava entender os impactos dos ambientes na estrutura e funcionamento das organizações. Dentro deste contexto, Hannan e Freeman (1989) começaram a desenvolver uma teoria de ecologia das organizações a partir de modelos ecológicos e evolutivos de alterações em populações e comunidades de organizações, a partir da discordância da maioria das pesquisas do período que apresentavam as organizações como adaptáveis e flexíveis. O objetivo da Ecologia Organizacional é compreender, dentro de espaçados períodos, o que impacta e molda as estruturas das organizações (Hannan e Freeman, 1989).

Porém, pouco é falado a respeito de como estão os estudos sobre Ecologia Organizacional atualmente, principalmente em um contexto geral sob uma perspectiva bibliométrica que capture a abrangência e a estrutura intelectual do campo (Ozturk; Dil, 2022). Com isso, surge o problema da pesquisa: Como está configurado o campo de produção científica sobre Ecologia Organizacional no século XXI?

Para responder a esta questão, os objetivos específicos deste artigo são:

1. Analisar o Desempenho e Impacto da Literatura: Investigar a evolução temporal da produção, identificar os artigos seminais e de maior impacto, e mapear as editoras e os países que mais contribuem para o campo.
2. Mapear a Estrutura Conceitual: Identificar os principais temas, palavras-chave e áreas de pesquisa que compõem a agenda contemporânea da Ecologia Organizacional, destacando tendências e focos temáticos.
3. Examinar a Estrutura de Colaboração: Mensurar o nível de colaboração internacional entre autores e instituições, e revelar os *clusters* teóricos e sociais que definem a rede de pesquisa atual.

2. Fundamentação teórica

2.1 A Ecologia Organizacional

A Ecologia Organizacional utiliza como principal inspiração a biologia evolutiva, com ênfase no conceito da luta pela sobrevivência das espécies mais aptas aos ambientes em que estão inseridas, podendo ser definida como “estudo quantitativo da sociologia das táticas vitais organizacionais (fundação, crescimento e mortalidade, que enfatiza a força da seleção externa sobre a adaptação interna” (Van Witteloostuijn, 2000).

No entanto, Hannan e Freeman (1989) esclareceram que não buscavam usar a teoria biológica para explicar mudanças nas empresas nem utilizar de metáforas comparativas entre

populações organizacionais e bióticas, mas sim explicar fenômenos sociológicos organizacionais que não poderiam ser entendidos plenamente com as teorias já existentes no campo das ciências sociais, utilizando de modelos ecológicos como esqueletos para os estudos dos processos sociológicos.

Alguns conceitos importantes em Ecologia Organizacional são:

Inércia estrutural: pressões que dificultam a adaptabilidade das organizações, onde Hannan e Freeman (2007) observaram que “Quanto mais fortes as pressões, mais baixa a flexibilidade de adaptação das organizações e mais provável que a lógica da seleção ambiental seja apropriada”, sendo que tais pressões causadoras da inércia organizacional podem ser tanto provenientes de estruturas internas, como por exemplo investimento em planta industrial e padrões de procedimentos internos, quanto de restrições ambientais ou pressões externas, como barreiras fiscais, fatores que limitam a adaptabilidade das empresas (Hannan e Freeman, 2007).

População: nível de análise onde o foco está em observar um tipo específico de organizações (população) a partir de todas as suas ações (Hannan e Freeman, 1989).

Formas organizacionais: dentro do contexto de diversidade organizacional enfatiza-se que grande parte da variabilidade nas organizações apresenta-se em um número pequeno de pacotes, chamados de formas organizacionais (Hannan e Freeman, 1989).

Processo demográfico/demografia das organizações: dinâmica das relações entre organizações considerando variações nas taxas como de fundação, fusão e dissolução para populações organizacionais (Hannan e Freeman, 1989).

Ecologia populacional: considera o surgimento e desaparecimento de formas organizacionais descrevendo como são afetadas pela presença e densidade de outras populações, concentrando-se “nas fontes de variabilidade e homogeneidade das formas organizacionais” (Hannan e Freeman, 1989).

Ecologia de comunidade das organizações: a comunidade é um conjunto de interações entre populações. A ecologia de comunidade, por sua vez, analisa como estes vínculos afetam a probabilidade de sobrevivência da comunidade como um todo (Hannan e Freeman, 1989).

Nichos organizacionais: expressam como as variações de ambientes e concorrências afetam as taxas de crescimento das populações (Hannan e Freeman, 1989).

Todos estes conceitos podem ser observados nos mercados e utilizados para a compreensão de processos de competição e seleção, com fundação, fusão, crescimento e mortalidade nas organizações.

2.2 Competição e Seleção

Competição e seleção são assuntos relevantes quando se tratando de Ecologia Organizacional, visto que ela trata sobre a sobrevivência e crescimento de organizações no mercado e destaca as pressões competitivas onde algumas organizações sobrevivem e outras não, como resultado de forças externas, onde ações estratégicas das empresas não poderiam agir (Morgan, 1990).

Para isso, é necessário também entender que as organizações podem passar por um processo de isomorfismo, que torna as empresas semelhantes a outras e pode ser coercitivo

(provenientes de forças políticas ou formais), mimético (que toma outras organizações como modelo como resposta a incertezas) ou normativo (relacionado a ter profissionais de mesmas formações e às vezes até mesmo provenientes de outras organizações semelhantes) (DiMaggio e Powell, 2005), ou por pressões de inércia estrutural, faladas anteriormente, que são forças que tornam mais difícil a adaptabilidade das empresas (como cultura, regulamentações, plantas industriais de produção) (Hannan e Freeman, 2007)

Segundo Hannan e Freeman (2007) as organizações não conseguem se desenvolver em certas circunstâncias ambientais porque outras competem com elas pelos recursos primordiais e “Somente se os recursos que sustentam as organizações são finitos e as populações têm uma capacidade de expansão ilimitada, a competição deve acontecer.” Para Hawley (1950 apud Hannan e Freeman, 2007) o processo de competição engloba quatro etapas, uma delas o próprio processo de seleção, sendo: a demanda de recursos ultrapassar a disponibilidade destes, os competidores ficarem mais semelhantes entre si enquanto as condições de competição apresentam uma resposta constante, o processo de seleção eliminar os mais fracos e os competidores retirados mudarem ou de ambiente ou em suas funções e produzirem a partir disso uma divisão de trabalho mais complexa.

Heylen, Fraussen e Beyers (2018) afirmaram que neste processo de competição e seleção “altos níveis de competição interorganizacional e uma forte dependência de financiamento governamental aumentam significativamente a ansiedade em relação à mortalidade.” Destacando também a importância das empresas oferecerem uma estrutura profissionalizada e diferenciada, o que Hannan e Freeman (2007) chamam também de capacidade ociosa, que assegura a confiabilidade em sua atuação.

A partir dos conceitos apresentados, Ecologia Organizacional é utilizada não só para verificar as interações entre organizações e ambiente, mas também em estudos sobre falência e mortalidade das organizações e seus fatores associados, como “pequenez, novidade, adolescência e obsolescência” que são vistas como responsabilidades corporativas em populações organizacionais em setores variados (Barron et al., 1994; Brüderl e Schüssler, 1990; Brüderl et al., 1992; Hannan e Freeman, 1984 apud Kücher, Mayr, Mitter, Duller e Feldbauer-Durstmüller, 2020) onde ressaltam também que tais fatores não só influenciam na perspectiva de falência “mas também podem moderar a forma como as empresas falham, contribuindo assim para a pesquisa sobre fracasso corporativo.”

Porém, mesmo com a relevância dos estudos em Ecologia Organizacional Ozturk e Dil (2022) relataram não encontrar pesquisas bibliométricas a respeito da literatura desta teoria, o que de fato foi observado com escassez e motivou a elaboração desta pesquisa como uma análise bibliométrica.

3. Método de pesquisa

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo bibliométrico de abordagem mista quanti-quali (Creswell et al., 2017). Na primeira fase, de natureza quantitativa, foram

utilizados métodos estatísticos e matemáticos para mapear a estrutura intelectual, social e conceitual da área. Este mapeamento buscou revelar padrões de autoria, tendências temáticas e as publicações mais influentes, permitindo uma compreensão ampla e objetiva do cenário acadêmico (Zupic e Čater, 2015; Aria e Cuccurullo, 2017). Posteriormente, em uma segunda fase qualitativa, os padrões encontrados foram aprofundados através da análise e debate de artigos-chave selecionados, com o objetivo de contextualizar e interpretar os resultados.

Este estudo foca na produção científica dos últimos 25 anos sobre a Teoria da Ecologia Organizacional. O objetivo é analisar a evolução do campo, identificar seus principais atores e frentes de pesquisa, e compreender como a teoria vem sendo aplicada e discutida na última década, investigando os temas mais relevantes que emergem da literatura. Para tanto, o processo metodológico foi baseado em desenho da pesquisa, coleta e filtragem dos dados, e, por fim, na análise dos dados.

3.1. Desenho da Pesquisa:

A pesquisa seguiu um desenho de revisão sistemática de literatura com abordagem bibliométrica. A natureza do estudo é predominantemente quantitativa, ao analisar indicadores de produção, citação e redes. Contudo, incorpora uma nuance qualitativa na etapa de interpretação dos *clusters* e mapas temáticos, onde se busca atribuir significado aos padrões encontrados (Zupic e Cater, 2015). As limitações do estudo incluem o viés da utilização de uma única base de dados, a *Web of Science*, e a restrição da amostra final a artigos de acesso aberto (*Open Access*), o que pode não representar a totalidade da produção sobre o tema.

3.2. Coleta e Filtragem dos Dados:

O processo de coleta de dados foi realizado em setembro de 2025 e seguiu três etapas:

1. Definição da Fonte de Dados: A base de dados selecionada foi a *Web of Science* (WoS) - Coleção Principal. As razões para esta escolha são: a) a WoS indexa um vasto número de periódicos de alto impacto em ciências sociais; b) os dados exportados são compatíveis com softwares de análise bibliométrica como o *R/Bibliometrix*; e c) o acesso facilitado via portal Periódicos Capes.
2. Estratégia de Busca: Para garantir uma cobertura abrangente do tema, foi definida uma string de busca com sinônimos e variações do termo "Ecologia Organizacional". A busca foi realizada no campo "Tópico" (TS), que engloba título, resumo e palavras-chave. A sintaxe utilizada está detalhada na Tabela 1.

Tabela 1: Palavras-chaves utilizadas na busca de artigos

Palavras-chaves
"organizational ecology" OR "population ecology of organization*" OR "organization* eco- log*" OR "ecolog* of organization*"

Fonte: Elaboração própria utilizando o Microsoft Excel

3. Critérios de Inclusão e Refinamento da Amostra: Sobre os resultados brutos da busca, foram aplicados critérios de inclusão para a composição da amostra final. Foram considerados os documentos publicados no período entre 1º de janeiro de 2000 e 31 de agosto de 2025; a seleção foi restrita a publicações de acesso aberto (*Open Access*); e, por fim, não foi aplicada delimitação por área de pesquisa, visando garantir uma cobertura abrangente do tema em diferentes campos do conhecimento.

A aplicação da estratégia de busca (etapa 2) resultou em um total de 522 documentos. Após o refinamento com os critérios de inclusão (etapa 3), a amostra final foi consolidada em 138 artigos, exportados em formato BibTeX para a análise subsequente.

3.3. Técnicas de Análise dos Dados:

A análise dos dados foi conduzida no ambiente de desenvolvimento *RStudio* (versão 2025.05.1-513), utilizando o pacote *bibliometrix* para o cálculo dos indicadores e a geração das estruturas de rede. As visualizações finais dos dados foram desenvolvidas na plataforma *Microsoft Power BI*, a fim de permitir uma exploração mais dinâmica e detalhada dos resultados.

Para responder sistematicamente aos objetivos da pesquisa, o processo analítico foi organizado em três frentes principais. Estas etapas, juntamente com as questões de pesquisa orientadoras e as técnicas específicas empregadas, estão detalhadas na Imagem 1. A primeira etapa consiste na Análise de Desempenho, focada nos indicadores de produção e impacto; a segunda, na Análise da Estrutura Conceitual, que investiga os principais temas da literatura; e a terceira, na Análise de Colaboração e Redes, que mapeia a estrutura social e intelectual do campo.

Imagem 1: Estrutura da Análise dos Dados

Análise de Desempenho	Foco da Análise	Objetivo Específico
	Panorama da Produção	Analisar a evolução temporal e o volume de publicações.
	Impacto da Literatura	Identificar os artigos seminais e mais influentes do campo.
	Atores-Chave (Editores)	Mapear as editoras que mais publicam sobre o tema.
	Distribuição Geográfica	Identificar os países que são os maiores contribuidores.
Análise da Estrutura Conceitual	Foco da Análise	Objetivo Específico
	Análise dos Tópicos	Identificar os principais temas e palavras-chave.
	Análise Temática	Identificar as áreas de pesquisa que mais tem publicação.
Análise de Colaboração e Estrutura Social	Foco da Análise	Objetivo Específico
	Colaboração Científica	Mensurar o nível de colaboração internacional entre autores.
	Estrutura Intelectual	Revelar os clusters teóricos e as conexões entre os estudos.

Fonte: Elaboração própria utilizando Microsoft Excel

4. Resultados

A análise bibliométrica da produção científica sobre ecologia populacional no campo de estudos organizacionais abrange o período de 2000 a 2025. A busca na base de dados *Web of Science* resultou em um total de 138 documentos, a taxa de crescimento anual de publicações é de 4,49%, indicando um interesse contínuo na área ao longo das últimas duas décadas, a pesquisa identifica 111 periódicos como fontes de publicação, com uma média de 1,24 documentos por fonte, sugerindo que a literatura sobre o tema está distribuída em um leque diversificado de publicações. O estudo revela um total de 357 autores contribuindo para o campo, com uma taxa de 2,82 co-autores por documento, o que demonstra uma tendência de colaboração crescente na área e a presença de 34,78% de co-autoria internacional reforça a natureza global da pesquisa. A análise de produtividade aponta que 26 autores publicaram trabalhos de autoria única.

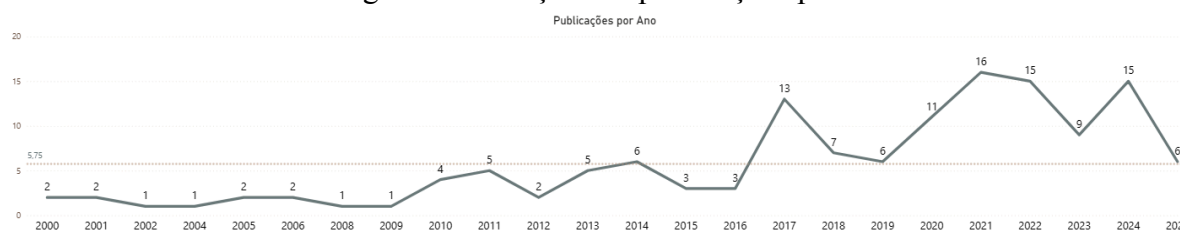
Em relação ao impacto, a média de citações por documento é de 28,5, evidenciando a influência dos trabalhos selecionados. Os autores utilizam 508 palavras-chave em seus trabalhos, o que sugere a diversidade de temas e a complexidade do campo de estudo. Esses indicadores confirmam que a Ecologia Organizacional se estabeleceu como um tema de relevância na pesquisa em administração, caracterizado por um crescimento estável, alta colaboração e impacto considerável na comunidade científica.

4.1. Resultados da Análise de Desempenho

A distribuição anual das publicações, analisada no período de 2000 a 2025, aponta para uma trajetória de consolidação do tema nos estudos organizacionais, com uma média de 5,75 artigos publicados por ano. A análise do gráfico permite identificar três fases distintas na evolução do campo apenas nesses últimos 25 anos considerados:

1. Fase de Interesse Emergente (2000-2005): Caracterizada por uma produção incipiente e esporádica, com poucos artigos publicados anualmente, típico de um campo de interesse emergente.
2. Fase de Expansão e Consolidação (2006-2012): O período demonstra um aumento expressivo no interesse acadêmico, com um crescimento acentuado no número de publicações e um pico notável de produção, sugerindo a consolidação de grupos de pesquisa e a intensificação dos debates.
3. Fase de Produção Sustentada (2013-2025): Na última década, a produção científica se manteve em um patamar elevado e constante. Embora com flutuações anuais, essa estabilidade indica que o tema se estabeleceu como uma corrente de pesquisa relevante e com interesse sustentado na comunidade acadêmica.

Imagem 2: Evolução das publicações por ano



Fonte: Elaboração própria utilizando Microsoft Power BI

A análise de desempenho dos artigos mais citados no período de 2000 a 2025 revela os trabalhos de maior impacto na pesquisa contemporânea sobre Ecologia Organizacional. O topo do *ranking* é liderado por "*Imprinting: Toward a Multilevel Theory*" (Marquis; Tilcsik, 2013), com 923 citações, seguido por "*Identities, genres, and organizational forms*" (Hsu; Hannan, 2005), com 404 citações, e "*Integrated pest management: good intentions, hard realities*" (Deguine et al., 2021), com 334 citações. A proeminência destes trabalhos evidencia uma dualidade temática no campo: por um lado, a contínua relevância de conceitos teóricos centrais como imprinting e identidade organizacional e, por outro, a expansão para temas interdisciplinares e aplicados, como a sustentabilidade.

Essa dualidade também se reflete na autoria, com a presença de um dos fundadores da teoria (Hannan) ao lado de pesquisadores influentes da nova geração. A distribuição das citações sugere, ainda, que trabalhos de natureza teórica e de revisão, como os de Marquis & Tilcsik e Hsu & Hannan, tendem a acumular um impacto amplo e duradouro. Em suma, a análise confirma a maturidade do campo da Ecologia Organizacional, que demonstra capacidade de valorizar suas fundações teóricas, ao mesmo tempo em que se mostra aberto a novas fronteiras temáticas e aplicações contemporâneas.

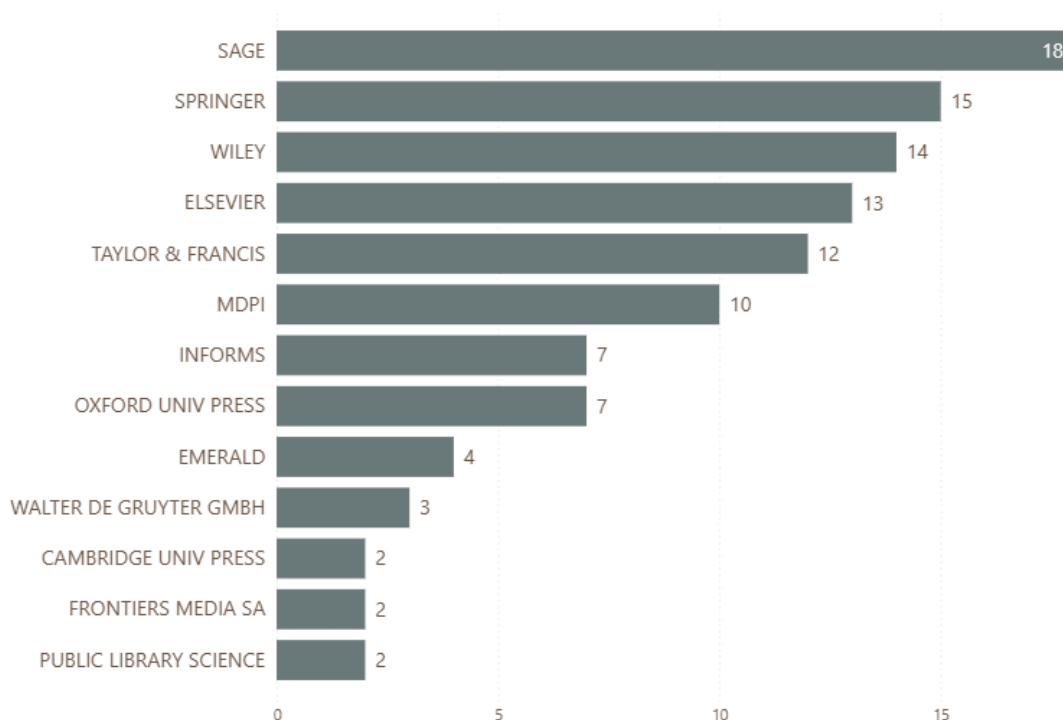
Imagem 3: Os 15 artigos mais citados na *Web of Science*

Article Title	Times Cited, WoS Core	Times Cited, All Databases
Imprinting: Toward a Multilevel Theory	923	1100
Identities, genres, and organizational forms	404	520
Integrated pest management: good intentions, hard realities. A review	334	389
Category Reinterpretation and Defection: Modernism and Tradition in Italian Winemaking	144	167
Regional influences on the prevalence of family versus non-family start-ups	121	134
The evolution of organizational niches: US automobile manufacturers, 1885-1981	106	126
Death of international organizations. The organizational ecology of intergovernmental organizations, 1815-2015	101	114
Industrial Dynamics and Clusters: A Survey	100	127
Equity crowdfunding in Germany and the United Kingdom: Follow-up funding and firm failure	88	108
Product demography of de novo and de alio firms in the optical disk drive industry, 1983-1999	87	109
From new space to big space: How commercial space dream is becoming a reality	85	101
Firm age dynamics and causes of corporate bankruptcy: age dependent explanations for business failure	61	94
The Role of Governmental Venture Capital in the Venture Capital Ecosystem: An Organizational Ecology Perspective	58	69
The global governance complexity cube: Varieties of institutional complexity in global governance	57	60
Emergent identity formation and the co-operative: theory building in relation to alternative organizational forms	46	58

Fonte: Elaboração própria utilizando Microsoft Power BI

Ao analisar a distribuição de publicações por editora, observa-se que a produção científica sobre Ecologia Organizacional é disputada por um grupo de elite do mercado editorial acadêmico. Em vez de uma concentração em um ou dois nomes, os dados mostram cinco grandes editoras com volumes de publicação muito próximos. A **SAGE** lidera o *ranking* com 18 artigos, mas é seguida de perto pela **Springer** (15 publicações), **Wiley** (14), **Elsevier** (13) e **Taylor & Francis** (12). Essa distribuição equilibrada sugere que a pesquisa sobre o tema encontra espaço relevante em um leque diversificado das principais editoras comerciais, indicando a ampla aceitação e o prestígio do campo.

Imagem 4: Quantidade de publicações por editora



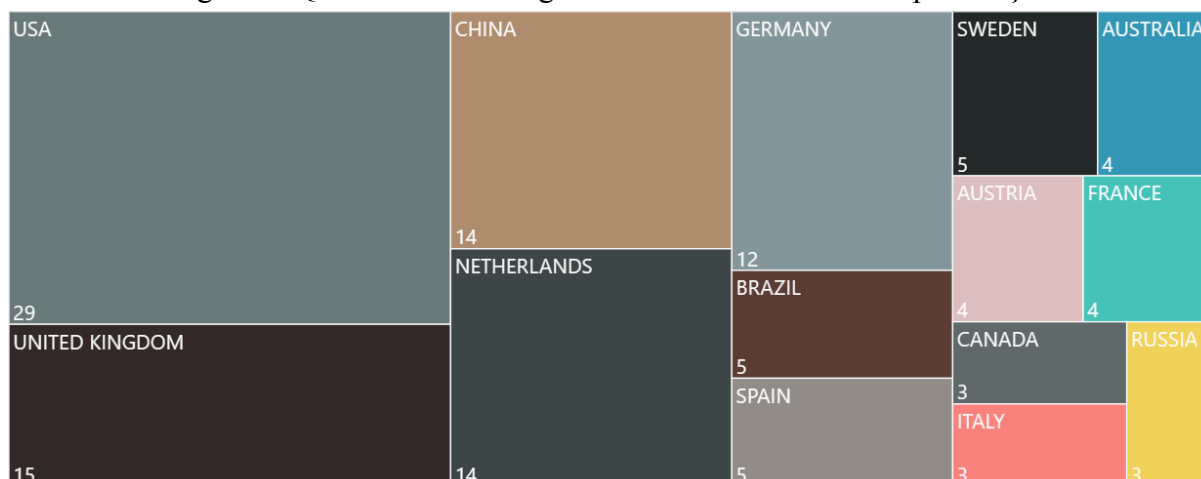
Fonte: Elaboração própria utilizando Microsoft Power BI

Para compreender a origem geográfica da pesquisa sobre Ecologia Organizacional, foi gerado um mapa de distribuição da produção científica por país, conforme apresentado na Imagem 5. A análise visual evidencia uma expressiva concentração do conhecimento em um número restrito de países, majoritariamente localizados na América do Norte e Europa Ocidental.

A hegemonia dos Estados Unidos como o principal polo de pesquisa é inequívoca, sendo o país com o volume mais significativo de publicações no período analisado. Seguindo os EUA, forma-se um eixo secundário de alta produtividade no mundo anglófono e na Europa, com contribuições robustas do Canadá e do Reino Unido, e uma presença marcante de países como Alemanha e Holanda.

Este padrão de concentração em centros acadêmicos tradicionais do Norte Global é um dos achados mais relevantes. Em contraste, a participação de países do Sul Global, incluindo a maior parte da América Latina (com exceção de uma produção pontual no Brasil), África e Oriente Médio, é mínima ou inexistente na amostra filtrada. Este cenário sugere que, embora a teoria tenha aplicações globais, a sua discussão e desenvolvimento acadêmico permanecem centralizados nos ecossistemas de pesquisa mais estabelecidos do mundo.

Imagem 5: Quantidade de Artigo nos Países com mais de 2 publicações



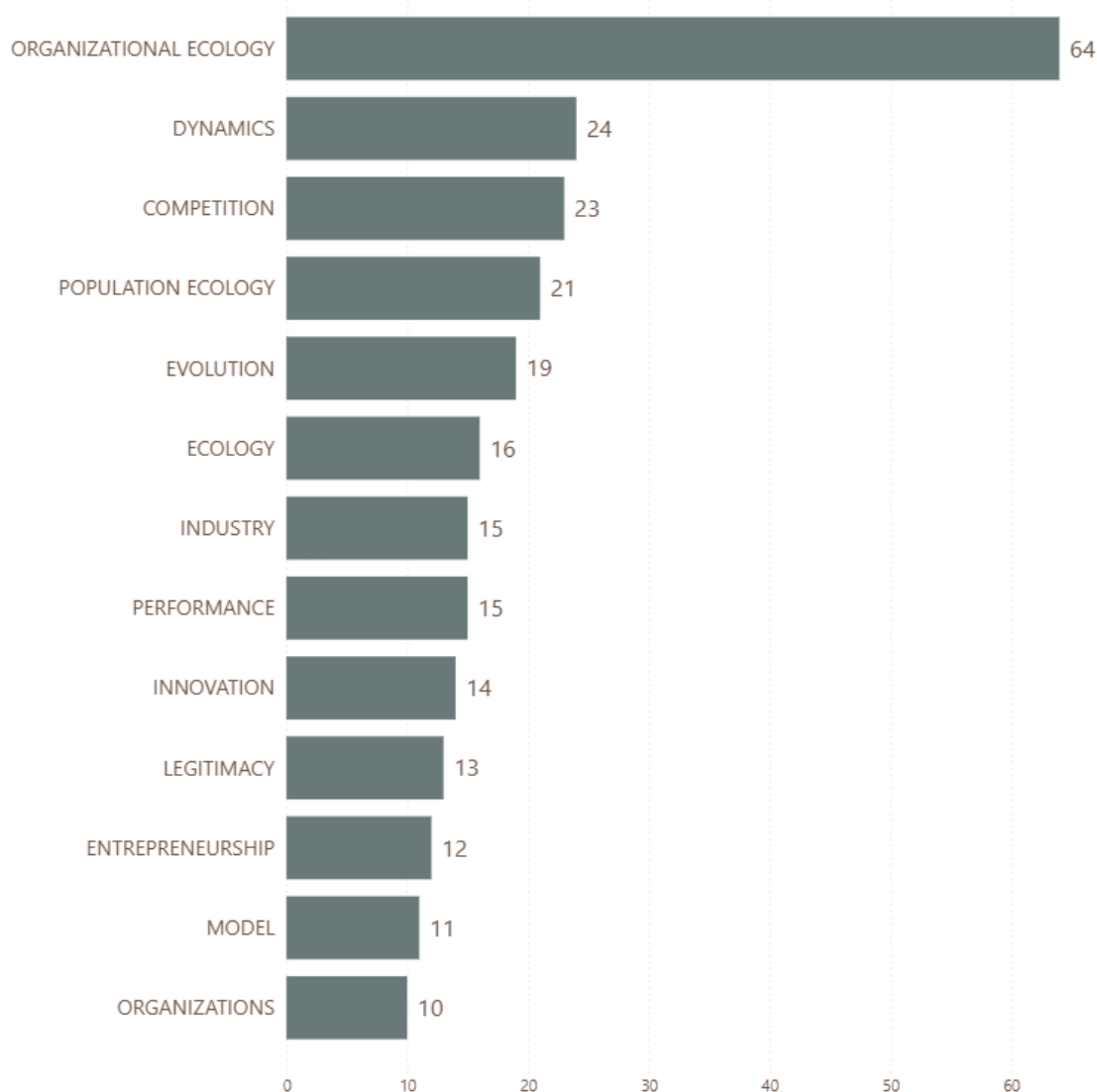
Fonte: Elaboração própria utilizando Microsoft Power BI

4.2. Análise da Estrutura Conceitual

Para identificar os principais temas de pesquisa, foi realizada uma análise de frequência das palavras-chave. No *Power BI*, as colunas de palavras-chave dos autores e as geradas pela base de dados foram mescladas e tratadas para criar um *ranking* individual de cada termo. A análise confirma a centralidade do tema, com "*organizational ecology*" sendo o termo mais frequente (64 ocorrências). Em seguida, emergem os conceitos que formam o núcleo da discussão na área, com destaque para "*dynamics*", "*competition*", "*population ecology*" e "*evolution*".

A análise dos termos subsequentes no *ranking* revela as áreas de aplicação e os conceitos complementares da teoria. A presença de palavras como "*industry*" (indústria), "*performance*" (desempenho) e "*innovation*" (inovação) indica um forte interesse em aplicar os conceitos ecológicos para entender resultados práticos e dinâmicas de mercado específicas. Além disso, termos como "*legitimacy*" (legitimidade) e "*entrepreneurship*" (empreendedorismo) sugerem pontos de conexão com outras discussões teóricas, como a Teoria Institucional e os estudos sobre a criação de novos negócios, mostrando como a Ecologia Organizacional é utilizada para explorar a sobrevivência e o sucesso de novas populações de empresas.

Imagem 6: *Ranking* das palavras-chave mais encontradas (acima de 10 aparições)



Fonte: Elaboração própria utilizando Microsoft Power BI

A análise das áreas de pesquisa dos trabalhos sobre Ecologia Organizacional revela um campo intrinsecamente multidisciplinar, mas com um núcleo disciplinar bem definido. A hegemonia absoluta de *Business & Economics*, que responde por 65 ocorrências, confirma a origem e a base teórica central do campo, situando-o firmemente dentro das ciências administrativas e econômicas. Este é o principal eixo em torno do qual a pesquisa gravita. No entanto, a significativa presença de *Environmental Sciences & Ecology* (21) é notável e, à primeira vista, paradoxal. Ela não representa um desvio, mas sim a apropriação do termo "ecologia" como metáfora organizacional, demonstrando como o campo dialoga com outros ramos do conhecimento para construir seu arcabouço teórico.

Além desse núcleo, a pesquisa em Ecologia Organizacional demonstra forte relevância para as ciências sociais aplicadas, como atestam as expressivas participações de *Government & Law* (15), *Public Administration* (13) e *Sociology* (13). Esta distribuição indica que os estudos não se restringem a empresas privadas, explorando também a dinâmica de sobrevivência e competição de organizações públicas, entidades governamentais e movimentos sociais. A presença de áreas como *International Relations* (7) e *Science & Technology* (12) amplia ainda mais o escopo, demonstrando aplicações na compreensão das estruturas de governança global e da evolução das indústrias de alta tecnologia. Em suma, os dados pintam a imagem de um campo vibrante e expansivo, que, apesar de ancorado na administração, utiliza suas lentes analíticas para investigar uma ampla gama de organizações e fenômenos sociais complexos.

Imagem 7: Área de Pesquisa que mais tem publicações

Research Areas	Total
Business & Economics	65
Environmental Sciences & Ecology	21
Government & Law	15
Public Administration	13
Sociology	13
Science & Technology	12
Social Sciences	9
International Relations	7
Education & Educational Research	4
Geography	4
Psychology	4
Engineering	3
Public, Environmental & Occupational Health	3

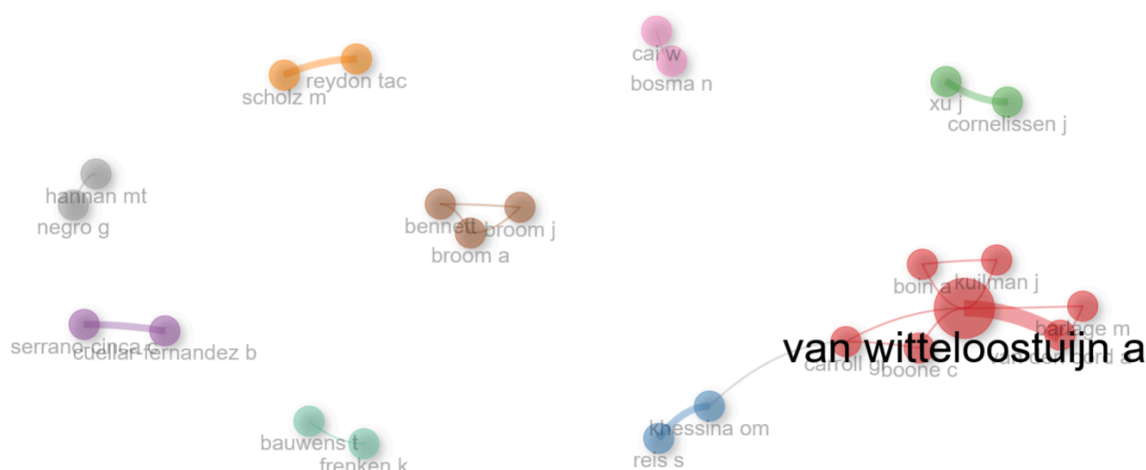
Fonte: Elaboração própria utilizando Microsoft Power BI

4.3. Análise de Colaboração e Estrutura Social

A rede de colaboração entre autores revela um campo estruturado em torno de eixos temáticos e laços acadêmicos consolidados. A presença de pesquisadores seminalmente fundacionais, como Carroll, G.R. e Hannan, M.T., atuando como nós centrais (*hubs*) com alto grau de conexões, confirma a influência perene dos pilares teóricos da Ecologia Organizacional. Estes pesquisadores não apenas possuem um grande número de coautores, mas também funcionam como pontes (alta centralidade de intermediação), conectando diferentes subgrupos de pesquisa.

A rede exibe a formação de *clusters* ou comunidades distintas, sugerindo a especialização em nichos do campo. Por exemplo, um *cluster* pode estar focado em demografia organizacional (em torno de Carroll e Hannan), enquanto outro se dedica a empreendedorismo e dinâmica industrial (potencialmente associado a autores como Bosma, N.), e um terceiro se especializa em métodos quantitativos e modelagem (e.g., Frenken, K.). Esta estrutura coesa, porém com densidade moderada, onde grupos fortes internamente têm poucas conexões diretas entre si, é típica de um campo maduro, que mantém sua base teórica sólida enquanto se expande por meio de frentes de pesquisa especializadas e relativamente autônomas.

Imagem 8: Rede de colaboração científica entre os autores



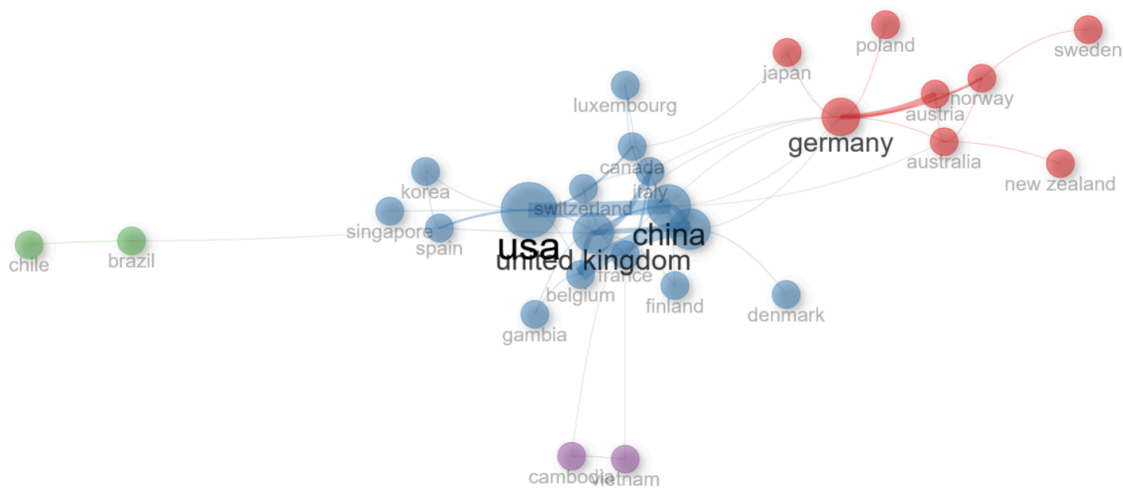
Fonte: Elaboração própria utilizando *R/Bibliometrix*

A colaboração internacional, por sua vez, desenha um mapa geopolítico do conhecimento bastante específico. A rede é dominada por países anglófonos e do Norte Global, com nações como Reino Unido, Canadá, Austrália, Estados Unidos e Países Baixos atuando como os principais centros de conexão e produção científica. Estes polos estabelecidos funcionam como roteadores do conhecimento, conectando-se entre si e com países periféricos na rede.

A presença de economias emergentes como China, Brasil e Chile indica uma gradual, ainda que limitada, internacionalização e diversificação geográfica do campo. Contudo, a colaboração entre países do Sul Global (ex.: Brasil-Chile) parece ser menos frequente do que a colaboração bilateral destes com um centro do Norte (ex.: Brasil-Reino Unido), padrão conhecido como colaboração radial. A inclusão de países como Vietnã e Gâmbia sugere a aplicação dos princípios da Ecologia Organizacional em contextos empíricos novos e diversos, ainda que de forma incipiente. Em suma, a estrutura da colaboração internacional reflete as assimetrias tradicionais da ciência global, mas também evidencia a expansão e a

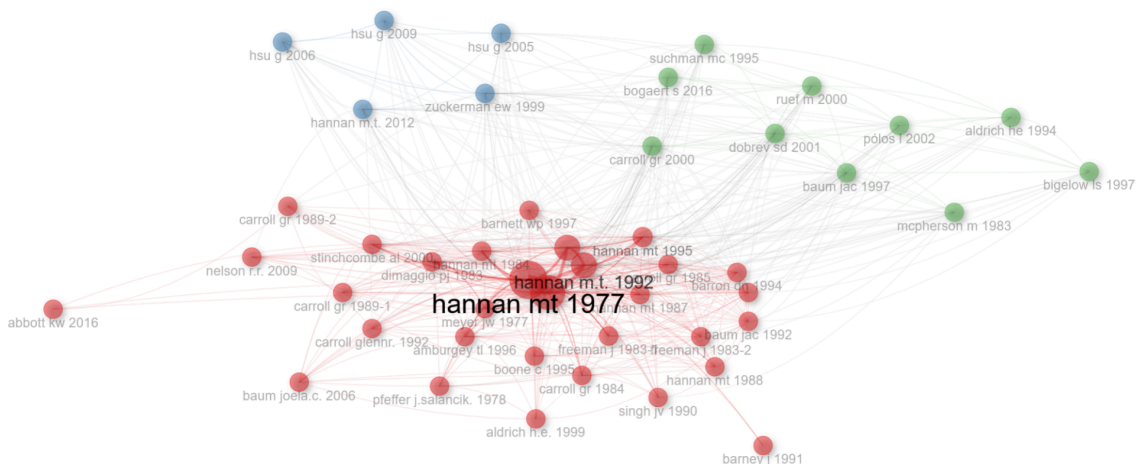
relevância teórica do campo para analisar realidades organizacionais para além da base tradicional.

Imagem 9: Rede de colaboração científica dos países



Fonte: Elaboração própria utilizando *R/Bibliometrix*

Imagem 10: Rede de citação e conexão entre os estudos



Fonte: Elaboração própria utilizando *R/Bibliometrix*

A análise da rede de co-citação evidencia a centralidade de Hannan (1977) como o trabalho seminal que sustenta grande parte da produção científica em Ecologia Organizacional. O nó mais destacado no mapa demonstra sua influência fundacional, em torno da qual gravitam diversos outros autores e estudos que expandem e aplicam os conceitos originais. Esse núcleo, identificado pelo *cluster* em vermelho, concentra a base teórica da área, reforçando a ideia de que a teoria se estruturou de forma coesa a partir dos

modelos elaborados por Hannan e Freeman e seguiu influenciando múltiplas linhas de investigação subsequentes.

Além do *cluster* central, é possível observar a formação de subgrupos temáticos que indicam a diversificação do campo. O grupo em azul reúne trabalhos associados à identidade organizacional e categorização de mercados, com destaque para Hsu e Zuckerman, sinalizando uma evolução do debate para dimensões relacionadas à reputação e diferenciação entre organizações. Já o *cluster* verde agrupa autores como Suchman, Ruef e Aldrich, conectados a estudos de legitimidade e ecologia institucional, reforçando o diálogo entre a teoria ecológica e as perspectivas institucionais.

Essa distribuição de *clusters* mostra que a Ecologia Organizacional, embora mantenha um núcleo sólido e referenciado, se fragmentou em correntes complementares que dialogam entre si. A interligação entre os grupos, evidenciada pelas linhas de co-citação que conectam diferentes *clusters*, revela a permeabilidade teórica e a capacidade da área de absorver novos enfoques sem perder sua base estruturante. Essa característica contribui para a vitalidade do campo, permitindo a incorporação de temas contemporâneos e o surgimento de novos objetos de estudo.

Em síntese, os resultados da análise de co-citação reforçam a relevância perene dos estudos clássicos, ao mesmo tempo, em que evidenciam o dinamismo do campo na incorporação de novas perspectivas. A Ecologia Organizacional se consolida, assim, como uma teoria que alia tradição e inovação, sustentada em fundamentos robustos e constantemente atualizada pelas demandas teóricas e empíricas da pesquisa em administração.

5. Discussão

A teoria da ecologia populacional de organizações fornece um arcabouço robusto para analisar as taxas de fundação, crescimento, e mortalidade de entidades organizacionais, enfatizando a interação entre as organizações e seu ambiente (Hannan e Freeman, 1977; Aldrich, 1990). Esta perspectiva sugere que a sobrevivência organizacional é intrinsecamente ligada à legitimidade obtida pela crescente densidade de organizações semelhantes e à disponibilidade de recursos, para os quais as organizações competem (Aldrich, 1990; Hannan e Freeman, 1977).

Estes processos geram um padrão dinâmico característico: as taxas de fundação seguem uma curva em "U" invertido, enquanto as de mortalidade seguem uma curva em "U". Inicialmente, o aumento da densidade confere legitimidade ao formato organizacional, incentivando novas fundações. Posteriormente, após um ponto de inflexão, a competição intra-populacional se intensifica, elevando a mortalidade e dificultando novas entradas (Haugh et al., 2022; Hannan e Freeman, 1989). Esses padrões de fundação e mortalidade não se restringem às empresas privadas. Pesquisas recentes mostram que até mesmo organizações intergovernamentais estão sujeitas a processos semelhantes de seleção ecológica, em que a perda de legitimidade e a competição por recursos podem levar ao seu desaparecimento institucional (Eilstrup-Sangiovanni, 2018). Esse resultado amplia o alcance da ecologia organizacional e demonstra que sua lógica explicativa é válida para compreender tanto organizações de mercado quanto formas institucionais mais amplas, como organismos internacionais (Barnett & Finnemore, 1999).

As dinâmicas de densidade e competição são mais elaborados pelas contribuições

fundamentais de Glenn R. Carroll. Em coautoria com Hannan, Carroll desenvolveu a Hipótese do Atraso de Densidade (Carroll & Hannan, 2000), que postula que o efeito da densidade populacional sobre a mortalidade organizacional não é instantâneo, mas sim defasado no tempo, com taxas de mortalidade mais altas em populações de alta densidade. Além disso, a pesquisa de Carroll ilustra como novos entrantes podem sobreviver não apenas pela competição direta, mas pela partição de recursos e criação de novos nichos. Seu trabalho sobre o movimento de microcervejarias nos EUA (Carroll & Swaminathan, 2000) é um exemplo clássico de como uma nova forma organizacional pode emergir e prosperar ao construir uma identidade distinta (baseada na "autenticidade", conforme Carroll & Wheaton, 2009) e apelar para um segmento específico do mercado, evitando assim a competição frontal com os grandes players estabelecidos.

Para além dos processos populacionais macroscópicos, a Ecologia Organizacional contemporânea eleva a identidade organizacional a um conceito fundamental, servindo como alicerce para a própria conceituação e identificação de formas organizacionais (Hsu e Hannan, 2005). Neste contexto, a identidade é compreendida como um conjunto de expectativas e "códigos" sociais mantidos pelos públicos relevantes, os quais prescrevem as características e comportamentos legítimos para um tipo específico de organização (Hsu e Hannan, 2005; Nelson et al., 2016). A violação destes códigos pode resultar em sanções, deslegitimação e desvalorização da organização perante seu público.

A dinâmica de como essas identidades e códigos são contestados e renegociados é detalhada por Giacomo Negro e seus colegas. Em seu estudo seminal sobre a indústria vitivinícola italiana, Negro, Hannan e Rao (2011) demonstram que a reinterpretação categórica de uma identidade organizacional (como a disputa entre os rótulos "tradicionalista" e "modernista" entre produtores de Barolo e Barbaresco) é percebida como uma ameaça mais significativa quando iniciada por insiders (membros da categoria que desertam) do que por outsiders. Essa deserção ativa a defesa da identidade coletiva por parte dos membros leais, que buscam preservar a clareza das fronteiras da categoria. No entanto, a persistência da ambiguidade ("*fuzziness*") leva as audiências a redefinir suas expectativas, eventualmente esvaziando o poder do rótulo original. Esse trabalho acrescenta uma camada crucial de compreensão sobre os processos micro sociais de contestação e manutenção das identidades organizacionais, mostrando que elas não são estáticas, mas sim moldadas por conflitos internos e pela percepção do público.

As cooperativas personificam o desafio de construir uma identidade em contextos atípicos. Elas operam sob um "código global" distinto (baseado em controle democrático, adesão voluntária e retorno limitado ao capital) que define sua identidade central e posicionamento estratégico (Nelson et al., 2016). Todavia, ao operarem dentro de economias de mercado capitalistas, dominadas por lógicas institucionais concorrentes (lucro, hierarquia), sua jornada de formação identitária torna-se singularmente complexa. Elas precisam afirmar e praticar seus valores cooperativos enquanto navegam em um ambiente normativo que, em certa medida, está em desacordo com sua "*raison d'être*" (Nelson et al., 2016). Esta tensão gera uma falta de legitimidade cognitiva, uma incompreensão ou não aceitação de seu modelo por públicos cruciais como instituições financeiras, governos e consumidores, privando-as muitas vezes do apoio necessário para prosperar (Nelson et al., 2016; Zuckerman, 1999).

Em ambientes organizacionais complexos, a coexistência de múltiplas lógicas institucionais – sistemas de crenças e regras que moldam o comportamento – é uma fonte comum de tensões (Ren et al., 2017; Thornton et al., 2012). O estudo de caso da LeEco, uma empresa de internet chinesa, ilustra essa dinâmica com a integração da lógica cultural (indústria de conteúdo, criação artística, informalidade) e da lógica de fabricação (indústria de terminais, engenharia, formalidade) (Ren et al., 2017).

A natureza dessas relações interpopulacionais é complexa e vai além da simples competição. William P. Barnett contribuiu significativamente para esse entendimento. Sua Hipótese de Intensidade Competitiva (Barnett, 1997) argumenta que a força da competição intra-populacional não é determinada apenas pelo número de organizações (densidade), mas também pela heterogeneidade de tamanho entre elas. Em populações com grande variação de porte, a competição é menos intensa, pois organizações de tamanhos diferentes exploram diferentes subnichos e recursos. Ademais, o trabalho de Barnett com Carroll (Barnett & Carroll, 1987) sobre a indústria telefônica inicial exemplifica a aplicação da ecologia organizacional para entender as relações de competição e mutualismo entre populações tecnologicamente distintas, mostrando como o sucesso de uma população pode tanto suprimir quanto criar oportunidades para o surgimento e crescimento de outra.

A análise ecológica nos lembra que nenhuma organização é uma ilha. Elas estão inexoravelmente inseridas em uma "comunidade de interesses" mais ampla e altamente competitiva (Lowery et al., 2010). A ecologia populacional avança ao examinar não apenas dinâmicas intra-populacionais, mas também como populações distintas de organizações influenciam umas às outras (Aldrich, 1990; Audia et al., 2006). Estas relações interpopulacionais podem assumir diversas formas, desde a simbiose e a complementaridade até a competição direta (Aldrich, 1990; Haugh et al., 2022).

Além dos aportes teóricos revisitados, é possível observar que os achados bibliométricos deste estudo reforçam a pertinência dessas discussões na agenda contemporânea. A centralidade de palavras-chave como *competition*, *population ecology* e *evolution* conecta-se diretamente aos fundamentos da ecologia populacional (Hannan e Freeman, 1977; Aldrich, 1990), evidenciando que, apesar da diversificação temática, o campo mantém sua base estruturante na análise da sobrevivência, fundação e mortalidade das organizações. A predominância de clusters em torno de Carroll e Hannan, revelada na rede de colaboração, também confirma a perenidade de seus trabalhos como pontos de partida para a compreensão dos processos de densidade e legitimidade, discutidos nesta seção.

Do mesmo modo, a emergência de termos como *legitimacy*, *performance* e *entrepreneurship* nas redes conceituais dialoga com as reflexões sobre identidade organizacional e contestação de códigos sociais (Hsu e Hannan, 2005; Negro, Hannan e Rao, 2011). Esses resultados sugerem que a literatura contemporânea vem ampliando os horizontes da ecologia organizacional, aplicando sua lógica seletiva a fenômenos como a construção identitária de formas organizacionais alternativas (Nelson et al., 2016) e a inserção em ambientes complexos de múltiplas lógicas (Ren et al., 2017). Assim, os dados bibliométricos não apenas confirmam a vitalidade da teoria, mas demonstram como os conceitos clássicos são constantemente revisitados e aplicados a novos contextos.

Ainda, o padrão geográfico identificado na análise – com hegemonia de países anglófonos e europeus, mas uma participação emergente de nações como Brasil e China –

oferece respaldo empírico para as tensões entre universalidade teórica e aplicação contextual. A baixa densidade de produção em países do Sul Global conecta-se às discussões sobre legitimidade e reconhecimento institucional (Zuckerman, 1999), indicando que não apenas organizações, mas também comunidades científicas enfrentam desafios de sobrevivência e aceitação em ecossistemas altamente competitivos.

Dessa forma, ao integrar os achados bibliométricos às contribuições teóricas, percebe-se que a ecologia organizacional permanece como uma lente capaz de articular padrões macro de crescimento e declínio do campo científico com os processos micro de identidade, legitimidade e competição discutidos ao longo desta seção. A análise bibliométrica, portanto, não se limita a mapear tendências, mas confirma empiricamente o vigor da teoria e sua capacidade de se renovar frente às transformações da pesquisa em administração.

6. Conclusões

A análise bibliométrica realizada ao longo deste estudo permitiu mapear de forma abrangente o desenvolvimento da Ecologia Organizacional nas últimas duas décadas e meia, revelando tanto sua consolidação como campo teórico quanto às direções mais recentes que vêm sendo exploradas. Os resultados mostraram um crescimento estável e contínuo das publicações entre 2000 e 2025, com uma taxa anual de 4,49% e uma média de 5,75 artigos por ano, indicando que o tema permanece relevante dentro da agenda de pesquisa em administração. Esse padrão evolutivo evidenciou três fases distintas: uma de interesse emergente, marcada por publicações esporádicas; uma fase de expansão e consolidação, com aumento expressivo do volume de trabalhos; e, por fim, uma fase de produção sustentada, na qual a teoria se firmou como um campo estável e reconhecido.

Outro achado importante refere-se ao impacto dos trabalhos mais citados, que reforçam a centralidade de conceitos clássicos (*imprinting*, identidade organizacional e competição) ao mesmo tempo, em que demonstram a abertura do campo para novas aplicações, sobretudo relacionadas à sustentabilidade e ao desempenho em indústrias específicas. Essa dualidade indica que a Ecologia Organizacional consegue manter um diálogo entre tradição e inovação, valorizando seus fundamentos originais sem deixar de se adaptar às demandas contemporâneas de pesquisa. A diversidade editorial e a predominância de cinco grandes editoras na difusão dos estudos também sugerem que o tema ocupa um espaço sólido no mercado acadêmico, sem estar restrito a um nicho específico.

Do ponto de vista geográfico, os dados confirmaram a hegemonia dos Estados Unidos como principal polo de produção e difusão de conhecimento, seguido por países europeus e anglófonos. Esse padrão reflete a centralização histórica da pesquisa em centros do Norte Global. Ainda que de forma tímida, observou-se o ingresso de países emergentes, como Brasil, China e Chile, o que indica uma gradual expansão e a possibilidade de maior diversificação no futuro. Todavia, a baixa representatividade de países do Sul Global evidencia um desafio importante: ampliar a internacionalização e a inclusão de realidades diversas na construção teórica.

A análise de palavras-chave e da estrutura conceitual mostrou que a Ecologia Organizacional se articula em torno de um núcleo conceitual robusto, mas com forte diálogo interdisciplinar. Termos como “*innovation*”, “*performance*” e “*legitimacy*” revelam a

aproximação do campo com a Teoria Institucional, a Sociologia e os estudos de empreendedorismo, evidenciando que a teoria não se limita a um arcabouço fechado, mas sim se abre para compreender fenômenos organizacionais variados. Essa característica fortalece sua utilidade e garante sua permanência como lente analítica válida em múltiplos contextos.

Por fim, a análise das redes de colaboração acadêmica e co-citação destacou a centralidade de autores seminais, como Hannan e Carroll, que continuam exercendo influência como nós centrais do campo. A formação de *clusters* distintos — voltados para demografia organizacional, empreendedorismo e modelagem quantitativa — aponta para um processo de especialização crescente, típico de teorias maduras. Ao mesmo tempo, as conexões entre *clusters* demonstram que o campo mantém diálogo entre suas vertentes, evitando fragmentação excessiva. A colaboração internacional reforça esse padrão, ainda que limitada por assimetrias geopolíticas.

Em síntese, os resultados permitem concluir que a Ecologia Organizacional consolidou-se como uma teoria relevante, dinâmica e em constante atualização. Ela alia bases teóricas sólidas, derivadas de suas origens nos anos 1970, à capacidade de dialogar com novas perspectivas e áreas de aplicação. Como contribuição teórica, este estudo reforça o valor da Ecologia Organizacional como lente explicativa da sobrevivência, competição e adaptação das organizações em diferentes contextos. Como contribuição prática, evidencia o potencial do campo para compreender fenômenos contemporâneos, como sustentabilidade, inovação e legitimidade em mercados globais.

Ainda assim, é importante reconhecer limitações, como a utilização de uma única base de dados (*Web of Science*) e a restrição a artigos de acesso aberto, o que pode não representar a totalidade da produção científica sobre o tema. Para pesquisas futuras, recomenda-se expandir a coleta para outras bases, explorar o diálogo com abordagens emergentes em teoria organizacional e investigar mais profundamente a inserção do campo em países do Sul Global. Dessa forma, será possível enriquecer ainda mais a compreensão sobre a trajetória e o futuro da Ecologia Organizacional.

Referências

- ALDRICH, H. E. Using an ecological perspective to study organizational founding rates. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 14, n. 3, p. 7-24, 1990.
- ARIA, Massimo; CUCCURULLO, Corrado. bibliometrix: An R-tool for comprehensive science mapping analysis. *Journal of Informetrics*, v. 11, n. 4, p. 959–975, nov. 2017.
- BARNETT, M. N.; FINNEMORE, M. The politics, power, and pathologies of international organizations. *International Organization*, v. 53, n. 4, p. 699-732, 1999.
- BARNETT, William P.; CARROLL, Glenn R. Competition and mutualism among early telephone companies. *Administrative Science Quarterly*, v. 32, n. 3, p. 400–421, 1987.
- BARNETT, William P. The dynamics of competitive intensity. *Administrative Science Quarterly*, v. 42, n. 1, p. 128–160, 1997.
- CARROLL, G. R. Concentration and specialization: Dynamics of niche width in populations of organizations. *American Journal of Sociology*, v. 90, n. 6, p. 1262-1283, 1985.
- CARROLL, G. R.; SWAMINATHAN, A. Why the microbrewery movement? Organizational dynamics of resource partitioning in the U.S. brewing industry. *American Journal of Sociology*, v. 106, n. 3, p. 715-762, 2000.
- CARROLL, G. R.; WHEATON, D. R. The organizational construction of authenticity: An examination of contemporary food and dining in the U.S. *Research in Organizational Behavior*, v. 29, p. 255-282, 2009.
- CARROLL, Glenn R.; HANNAN, Michael T. *The demography of corporations and industries*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- CRESWELL, J. W.; PLANO CLARK, V. L. *Designing and conducting mixed methods research*. 3rd ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2017.
- DEGUINE, Jean-Philippe et al. Integrated pest management: good intentions, hard realities. A review. *Agronomy for Sustainable Development*, v. 41, n. 3, jun. 2021.
- DIMAGGIO, P.; POWELL, W. A gaiola de ferro revisitada: isomorfismo institucional e racionalidade coletiva nos campos organizacionais. In: CALDAS, M.P.; BERTERO, C.O. (Orgs). *Teoria das organizações: série RAE-clássicos*. São Paulo: Atlas, 2007. p.117-142.
- EILSTRUP-SANGIOVANNI, Mette. The death of international organizations: the organizational ecology of intergovernmental organizations (IGOs), 1815–2015. *The Review of International Organizations*, v. 14, n. 3, p. 339–370, set. 2018.

- HANNAN, Michael T.; FREEMAN, John. Ecologia de população das organizações. In: CALDAS, M.P.; BERTERO, C.O. (Orgs). Teoria das organizações. São Paulo: Atlas, 2007. p. 154-190.
- HANNAN, Michael T.; FREEMAN, John. Organizational ecology. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989.
- HANNAN, Michael T.; FREEMAN, John. The population ecology of organizations. *American Journal of Sociology*, v. 82, n. 5, p. 929-964, 1977.
- HAUGH, Helen; ROBSON, Paul; HAGEDOORN, John; SUGAR, Kate. The nascent ecology of social enterprise: density, age and strategy on social enterprise survival. *Small Business Economics*, v. 58, n. 3, p. 1223–1242, 2022. DOI: 10.1007/s11187-020-00442-9.
- HEYLEN, Frederik; FRAUSSEN, Bert; BEYERS, Jan. Live to fight another day? Organizational maintenance and mortality anxiety of civil society organizations. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, v. 47, n. 6, p. 1249-1270, 2018.
- HSU, Greta; HANNAN, Michael T. Identities, Genres, and Organizational Forms. *Organization Science*, v. 16, n. 5, p. 474–490, set./out. 2005. DOI: 10.1287/orsc.1050.0151.
- KÜCHER, Alexander et al. Firm age dynamics and causes of corporate bankruptcy: age dependent explanations for business failure. *Review of Managerial Science*, v. 14, n. 3, p. 633-661, 2020.
- LOWERY, David et al. Generalist Interest Organizations and Interest System Density: A Test of the Competitive Exclusion Hypothesis. In: Annual Meeting of the American Political Science Association, Washington, D.C., set. 2010.
- MARQUIS, Christopher; TILCSIK, Andras. Imprinting: Toward a Multilevel Theory. *Academy of Management Annals*, v. 7, n. 1, p. 195-245, 2013.
- MORGAN, G. *Organizations in Society*. London: Macmillan Education UK, 1990.
- NEGRO, Giacomo; HANNAN, Michael T.; RAO, Hayagreeva. Category Reinterpretation and Defection: Modernism and Tradition in Italian Winemaking. *Organization Science*, v. 22, n. 6, p. 1449–1463, nov./dez. 2011. DOI: 10.1287/orsc.1100.0619.
- NELSON, Teresa et al. Emergent identity formation and the co-operative: theory building in relation to alternative organizational forms. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 28, n. 3–4, p. 286–309, 2016. DOI: 10.1080/08985626.2016.1155744.
- ÖZTÜRK, O.; DIL, E. Bibliometric analysis of organizational ecology theory (OET): To review past for directing the future of the field. *Ege Academic Review*, v. 22, n. 2, p. 195-212, 2022.

REN, Hao et al. How Do Internet Enterprises Obtain Sustainable Development of Organizational Ecology? A Case Study of LeEco Using Institutional Logic Theory. *Sustainability*, v. 9, n. 8, p. 1375, 2017. DOI: 10.3390/su9081375.

THOMPSON, P.; MCHUGH, D. *Work organisations: a critical introduction*. London: Palgrave Macmillan, 1990.

THORNTON, P. H.; OCASIO, W.; LOUNSBURY, M. *The institutional logics perspective: A new approach to culture, structure, and process*. Oxford University Press, 2012.

VAN WITTELOOSTUIJN, Arjen. Editorial: Organizational Ecology Has a Bright Future. *Organization Studies*, v. 21, n. 3, p. 545–553, 2000.

ZUCKERMAN, E. W. The categorical imperative: Securities analysts and the illegitimacy discount. *American Journal of Sociology*, v. 104, n. 5, p. 1398-1438, 1999.

ZUPIC, Ivan; ČATER, Tomaž. Bibliometric Methods in Management and Organization. *Organizational Research Methods*, v. 18, n. 3, p. 429–472, 2015.